



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

NIVEA KATALINE DA SILVA SANTOS

**GESTÃO ORDINÁRIA NA FEIRA DE CARUARU: Uma Análise a partir dos conceitos
de Diferença e Interseccionalidade**

Caruaru

2021

NIVEA KATALINE DA SILVA SANTOS

**GESTÃO ORDINÁRIA NA FEIRA DE CARUARU: Uma Análise a partir dos
conceitos de Diferença e Interseccionalidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Área de Concentração: Gestão de Pessoas

Orientador: Profa. Dra. Elisabeth Cavalcante dos Santos.

Caruaru

2021

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S237g Santos, Nivea Kataline da Silva.
Gestão ordinária na feira de caruaru: uma análise a partir dos conceitos de diferença e interseccionalidade. / Nivea Kataline da Silva Santos. – 2021.
55 f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Elisabeth Cavalcante dos Santos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2021.
Inclui Referências.

1. Feiras – Caruaru (PE). 2. Gestão. 3. Identidade social. I. Santos, Elisabeth Cavalcante dos (Orientadora). II. Título.

CDD 658 (23. ed.)

UFPE (CAA 2021-138)

NIVEA KATALINE DA SILVA SANTOS

**GESTÃO ORDINÁRIA NA FEIRA DE CARUARU: Uma Análise a partir dos
conceitos de Diferença e Interseccionalidade**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Administração da Universidade Federal
de Pernambuco, Centro Acadêmico do
Agreste, como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em
administração.

Aprovada em: 03/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisabeth Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Myrna Suely Silva Lorêto (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Ana Márcia Batista Almeida Pereira (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho inteiramente a meus pais, Edvani e Irineu, por sempre acreditarem em mim, me fazendo enxergar que eu posso conseguir muito mais do que eu imagino, e sempre estarem comigo em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus porque sem ele eu não estaria onde estou hoje, me dando forças e me mostrando os melhores caminhos a serem seguidos.

A minha família que me deu todo o suporte necessário para a realização desse sonho, em especial a minha mãe que desde pequena ela lutou para que eu tivesse o que ela não teve, abdicou de várias coisas para me dá um estudo de qualidade para que eu tivesse condições de entrar em uma Universidade Federal e nada foi em vão.

Agradeço também aos obstáculos que percorri durante esses anos de graduação, pois eles me fizeram crescer como pessoa.

Obrigada a todos os amigos que sempre estiveram comigo nessa caminhada, me incentivando, acreditando em mim quando eu mesma já não acreditava. Especialmente aos amigos que fiz durante o curso, que estavam sempre presentes fisicamente: Vitória, Júlio, Cayo e Paula. Vocês tornaram a rotina pesada de uma universidade federal mais leve, com vocês eu aprendi muito durante esses anos.

Agradeço a todos os professores da UFPE que me ensinaram muita coisa que vai além de ensinamentos acadêmicos e sim para a vida. Em especial a professora Elisabeth por ter aceitado me orientar e que não mediu esforços para me ajudar na construção desse trabalho, obrigada pela paciência comigo e por me incentivar. Deixo a minha eterna gratidão!

Agradeço ao professor Luiz Sebastião pela oportunidade do estágio, na coordenação de Extensão e Cultura da universidade e por me acolher tão bem, por ter sido um verdadeiro amigo. Tudo que aprendi e todos os conselhos levarei para toda a minha vida.

Surpreender-se consigo, cavar e fazer vir à luz o inédito que em si repousa.
Reinventar-se, desbravar os territórios de seus limites e possibilidades.
Porque o que lhe faz viver é o eterno descobrir-se (Pe. Fábio de Melo).

RESUMO

O objetivo geral foi descrever a gestão ordinária da feira de Caruaru-PE, à luz dos conceitos de diferenças e interseccionalidades. Os objetivos específicos foram: identificar como acontece a gestão ordinária na feira de Caruaru-PE (Feira da Sulanca e do Paraguai); identificar as diferenças que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE e identificar as interseccionalidades desigualdade e agência interseccional que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE. A metodologia teve natureza qualitativa, e foram realizadas 50 entrevistas semiestruturadas aplicadas com proprietários(as) de empreendimentos na feira de Caruaru-PE. Por meio da análise dos resultados, foi possível identificar a invisibilidade de pessoas deficientes, transgênero e homossexuais na feira, a existência de violência de gênero, o pouco acesso das pessoas negras ao ensino superior, a pouca quantidade de pessoas negras atuantes na feira e possíveis dificuldades vivenciadas por pessoas idosas para se locomoverem neste espaço. Ao realizarmos análise interseccional sobre a gestão ordinária, percebemos ênfase na diferença geracional no que se refere às formas de controle financeiro utilizadas; ênfase no marcador formação escolar no que se refere às formas de organização de estoque realizadas; ênfase no marcador de classe e de raça para compreensão do contexto que leva os(as) feirantes a envolverem a família no trabalho, de modo informal.

Palavras-chave: Feira de Caruaru-PE. Marcadores Sociais da Diferença. Interseccionalidade. Gestão Ordinária.

ABSTRACT

The general objective was to describe the ordinary management of the Caruaru-PE fair, in the light of the concepts of differences and intersections. The specific objectives were: to identify the ordinary management in the Caruaru-PE fair (Sulanca and Paraguay Fair); Identify the differences that constitute the ordinary management at the Caruaru-PE fair and identify inequality and intersectional intersectionalities that constitute the ordinary management at the Caruaru-PE fair. The methodology had a qualitative nature, and 50 semi-structured interviews were carried out with entrepreneurs of enterprises at the Caruaru-PE fair. Through the analysis of the results, it was possible to identify the invisibility of disabled, transgender and homosexual people at the fair, the existence of gender violence, the little access of black people to higher education, the little quantity of black people acting at fair and possible Difficulties experienced by elderly people to move in this space. In carrying out intersectional analysis on ordinary management, we realize emphasis on generational difference in terms of financial controls used; Emphasis on the School Training marker with regard to the forms of inventory organization carried out; Emphasis on the class and race marker for understanding of the context that takes the fairers to involve the family at work, informally.

Keywords: Fair of Caruaru-PE. Social Markers of Difference. Intersectionality. Ordinary Management.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Principais pilares da diversidade em termos de orientação sexual e gênero	14
Quadro 2 –	Diversidade nas Organizações	15
Quadro 3 –	Categorias de classificação	17
Quadro 4 –	Definição de diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade	20
Quadro 5 –	Crterios para seleçao	31
Quadro 6 –	Conceitos – Chave para análise de conteúdo	32
Quadro 7 –	Etapas da análise de conteúdo	32
Quadro 8 –	Informações sobre os entrevistados	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVO GERAL	12
1.1.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.2	JUSTIFICATIVA	12
1.3	ESTRUTURA DO TRABALHO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA	14
2.2	INTERSECCIONALIDADE E LUGAR DE FALA	21
2.3	A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR INTERSECCIONALIDADE NAS ORGANIZAÇÕES	24
2.4	GESTÃO ORDINÁRIA	25
2.5	FEIRA DE CARUARU E O SURGIMENTO DA CIDADE.....	28
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
3.1	PESQUISA QUALITATIVA	30
3.1.1	CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS(AS).....	31
3.2	ANÁLISE DE CONTEÚDO	32
4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
4.1	DIFERENÇAS E INTERSECCIONALIDADES PERCEBIDAS	34
4.2	GESTÃO ORDINÁRIA	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5.1	LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	49
5.2	INDICAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	49
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNCIDE A – ENTREVISTA	53

1 INTRODUÇÃO

O agreste Pernambucano é muito conhecido devido a presença de algumas feiras que têm um papel muito importante na economia local. Particularmente a feira de Caruaru-PE, campo de pesquisa deste trabalho, subsidiou o surgimento da cidade, está localizada no parque 18 de maio, na rua Ruí Limeira Rosal, no centro de Caruaru e compreende várias feiras como: a da Sulanca (confecções de camisas, pijamas, jeans etc), do Paraguai ou dos Importados (produtos vindos de outros lugares), de Ervas, Sapato, Alumínio etc. (SILVA, 2016).

Neste cenário, percebe-se a existência de diversos empreendimentos que se organizam de modo particular, fugindo dos padrões gerencialistas, hegemônicos no campo dos estudos das organizações. Isso acontece, dentre tantos fatores, devido à predominância da informalidade, da não divisão das tarefas, do trabalho familiar, da transmissão geracional de saberes relacionados ao trabalho na feira etc.

Para compreender esses modos de organização que não estão alinhados a um modo de gestão gerencialista, o conceito da gestão ordinária pode ser útil, permitindo compreender melhor as dinâmicas que acontecem na feira de Caruaru-PE, que acontece através dos pequenos negócios retratando práticas culturais e sociais formada por multiplicidade de códigos, interesses pessoais (CARRIERI et al.2014). Deste modo, mobilizamos o conceito de gestão ordinária nesta pesquisa.

Ademais, compreender a gestão ordinária envolve olhar para as diferentes organizações, discursos e conflitos que constituem as práticas cotidianas do organizar. Assim, no sentido de entender melhor essa pluralidade que constitui a gestão ordinária na feira de Caruaru-PE, julgamos importante olhar as diferenças e interseccionalidades que a constituem.

As diferenças podem ser de diversas ordens, como as de gênero, as étnico/raciais, aquelas ligadas à sexualidade entre outras coisas, sendo possível a existência de discriminações e desigualdades devido a essas diferenças, uma vez que elas são construídas por relações de poder (ZAMBONI, 2014). Além disso, essas diferenças não existem isoladamente, mas estão relacionadas. Com isso, tem-se a importância da Interseccionalidade, que está relacionada aos cruzamentos entre os Marcadores Sociais da Diferença (HENNING, 2015), e que permite compreender e combater várias opressões (HIRATA, 2014).

O estudo das diferenças e interseccionalidades nas organizações tem sido algo pouco explorado pela literatura, apesar da importância do tema, como apresentado por autoras como Holvino (2010) e Joan Acker (2006). Para esta última autora, as organizações (re)produzem

desigualdades de gênero, classe e raça por meio das práticas e processos usados para alcançar seus objetivos. Dito isto, é fundamental destacar que os movimentos feministas e as teorias realizadas pelas estudiosas desses movimentos contribuíram para que se estudassem as intersecções nas organizações, diante da dificuldade em implantar discussões a respeito disso (HOLVINO, 2010).

Levando em consideração as diferenças e interseccionalidades, a Gestão Ordinária, realizada em pequenos empreendimentos (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014) pode evidenciar a existência de desigualdades por meio dos seus processos e práticas e é justamente esta a preocupação do presente trabalho.

Nesse contexto, a presente pesquisa possui a seguinte pergunta: como acontece a gestão ordinária na feira de Caruaru à luz dos conceitos de diferenças e Interseccionalidade?

Para responder a pergunta de pesquisa, foram coletadas narrativas dos feirantes da Feira de Caruaru-PE, mostrando como eles organizam o dia a dia, como eles se comportam diante de injustiças, se já sofreram em relação a isso e outras coisas.

1.1 OBJETIVO GERAL

Descrever a gestão ordinária da feira de Caruaru-PE, à luz dos conceitos de diferenças e interseccionalidades.

1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Identificar como acontece a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE (Feira da Sulanca e do Paraguai);
2. Identificar as diferenças que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE;
3. Identificar as interseccionalidades desigualdades e agência interseccional que constituem a gestão ordinária na Feira de Caruaru-PE.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este estudo se mostra importante em termos teóricos e práticos. Em termos teóricos, são poucos os estudos sobre diferenças e interseccionalidade no campo da administração, e a pesquisa também inova ao propor uma articulação entre Gestão Ordinária e

Interseccionalidade. No que diz respeito aos termos práticos, é relevante entender os modos de gestão praticados na feira, que é um contexto marginalizado, e foi importante perceber como as diferenças são tratadas na realização de algumas práticas na feira. Esta compreensão pode ser útil para o combate às desigualdades percebidas.

Outra justificativa é a pessoal, pois como atuo na feira, essa pesquisa pode ser útil na minha vivência nesse ambiente, me permitindo identificar mais profundamente possíveis desigualdades e opressões vividas pelas pessoas e mostrando possíveis soluções para tentar minimizar essas situações no dia a dia.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está organizado da seguinte maneira: no capítulo 1 a introdução, juntamente com o objetivo geral, objetivos específicos e a justificativa do trabalho; a apresentação do referencial teórico no capítulo 2 contemplando os principais temas da pesquisa, que são marcadores sociais da diferença, interseccionalidade e lugar de fala, interseccionalidade nas organizações, gestão ordinária e a feira de Caruaru; no capítulo 3 são apresentados os procedimentos metodológicos; logo após, no capítulo 4 refere-se a análise dos dados alcançados e no capítulo 5 as considerações finais, bem como as limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo de referencial teórico são apresentadas as definições dos conceitos fundamentais para a construção do trabalho, a saber: marcadores sociais da diferença, interseccionalidade e gestão ordinária.

2.1 MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

Entendemos que a diversidade “refere-se a uma variedade de atributos de indivíduos e grupos” (ALVES; GALEÃO-SILVA, 2004, p.22), como também a maneira pela qual as pessoas se percebem (suas identidades invisíveis e visíveis) (SARAIVA; IRIGARAY, 2009).

O tema diversidade tem se mostrado cada vez mais relevante no mercado de trabalho e nas políticas de gestão de pessoas, extremamente necessário às organizações (VAIPE, 2019). No quadro a seguir são destacados alguns dos principais pilares da diversidade, presentes no discurso empresarial, que ajudam a perceber as inúmeras diferenças possíveis nas organizações, em termos de orientação sexual e expressão de gênero.

Quadro 1 – Principais pilares da diversidade em termos de orientação sexual e gênero

Orientação Sexual	
Desejo sexual predominante de um indivíduo, sendo: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, queer.	
Heterossexual: Pessoa que tem atração amorosa, afetiva e física por indivíduos do sexo/gênero oposto.	Homossexual: Indivíduo que sente atração emocional, sexual ou afetiva por pessoas do mesmo sexo/gênero.
Bissexual: O indivíduo que tem relação afetiva e sexual com pessoas de ambos os sexos/gêneros.	Pansexual: São capazes de desenvolver amor, atração física e desejo sexual por outras pessoas não importando a sua identidade de gênero ou sexo biológico.
Assexual: É a pessoa que não sente atração sexual, pelo sexo/gênero oposto ou pelo sexo/gênero igual.	Queer: De maneira geral os indivíduos que se identificam como queer, as expressões gay, lésbica, e bissexual são enxergados como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade.
Expressão de Gênero	
Como a pessoa pode se apresentar ou se identificar :	
Agênero: Identidade de gênero neutra.	Cisgênero: O tradicional gênero de nascença.
Gênero Fluído: Que muda seu gênero de tempos em tempos.	Intersexual: Quem nasce com anatomia reprodutiva e sexual e/ou um padrão de cromossomos ambíguos, que não pode ser classificado como sendo tipicamente masculinos ou femininos. Antigamente, o termo “hermafrodita” era utilizado para essa denominação.
Transgênero: Abrange todos que não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer.	Transexual: Quem tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico.

Mulher Trans: Quem se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer.	Homem Trans: Quem se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designado como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer.
Travesti: Quem se reconhece como sendo de um terceiro gênero ou de um “não gênero”.	Crossdresser: Quem se veste com roupas e acessórios relacionados, socialmente, a um gênero diferente do seu. A prática não está associada à orientação sexual da pessoa.
Drag Queen ou Drag King: Associado a uma expressão artística, sendo Drag Queen utilizada para homens que utilizam roupas do gênero feminino para uma performance, e Drag King utilizada para mulheres que se vestem com roupas socialmente associadas à expressão de gênero masculina.	Não-Binário: Pessoas cuja identidade ou expressão de gênero não se limita às categorias “masculino” ou “feminino”. Algumas pessoas não-binárias podem sentir que seu gênero está “em algum lugar entre homem e mulher”, segundo a GLAAD (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation), ou mesmo distante desses pólos.

Fonte: Adaptado de VAIPE (2019) e Manual de Comunicação LGBTI+ (2018)

O quadro seguinte reproduz algumas questões que tem sido consideradas pelo discurso organizacional, no que se refere à diversidade, como questões de equidade de gênero, diversidade social e diversidade etária.

Quadro 2 – Diversidade nas Organizações

Equidade de Gênero
. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos (2016) detectou que as mulheres representam 58,9% dos estagiários e apenas 13,6% dos cargos de liderança.
Necessidade de não julgamento prévio sobre as próprias mulheres que, em boa parte das vezes, ajudam a fortalecer estereótipos preconceituosos criados por uma sociedade machista e patriarcal.
A sororidade é um dos principais pilares do feminismo, já que sem o sentimento de “irmandade” entre as mulheres, torna-se ainda mais difícil conquistar as reivindicações feitas por elas.
Diversidade Social
Contempla as diferenças e variáveis que definem cultura, educação, renda das pessoas.
A partir desses elementos, são constituídos os grupos sociais com características e estilos de vida próprios.
No entanto, infelizmente, as mesmas oportunidades ainda não estão disponíveis para todos os grupos sociais, que têm no acesso à educação e à ascensão profissional seus principais motivadores.
Diversidade Etária
Tradicionalmente, os cargos de liderança eram ocupados por pessoas mais experientes enquanto para os jovens, mesmo quando qualificados, eram reservadas posições de aprendizes ou que não envolvessem diretamente gestão de outras pessoas.
Na empresa preocupada com a inclusão, os cargos podem ser preenchidos por profissionais de qualquer idade.
Isso ajuda as empresas a se modernizarem e a proporcionarem uma integração melhor entre seus colaboradores.

Fonte: Adaptado de VAIPE (2019)

Acredita-se que o termo diversidade, apesar de importante, assumiu um caráter gerencialista no mundo empresarial, em função da ampla disseminação da Gestão da Diversidade. Como colocam Alves e Galeão-Silva (2004, p. 27):

O termo gestão abrange todas as operações necessárias para medir e controlar certo objeto – no caso, a diversidade. A redução de um problema social à dimensão técnica elimina o caráter político da questão [...] A diferença neutralizada transforma-se em mercadoria e pode ser gerenciada como um recurso da organização.

Diante dessa crítica, optamos por trabalhar com o termo diferença, para não incorrer em possíveis interpretações homogeneizantes sobre o assunto.

Quando se fala de diferença, os seres humanos se mostram diferentes nos formatos, cores e proporções corporais, nos usos do corpo e da linguagem, nas maneiras de se alimentar, de se vestir e de consumir bens e nos meios de se relacionar com outros - seja em esportes, seja em brigas ou em práticas sexuais (ZAMBONI, 2014).

Nas sociedades sempre existiram diversas diferenças. Ao passo que os seres humanos vão construindo seus próprios caminhos, se identificam e se diferenciam dos outros das mais variadas maneiras – ao mesmo tempo em que podem ser classificados de diversos modos e sofrer processos de discriminação e desigualdade (ZAMBONI, 2014, p.13).

Schwarcz (2019, p. 11) afirma que:

A expressão “marcadores sociais da diferença” transformou-se, assim, numa maneira de denominar essas diferenças socialmente construídas e cuja realidade acaba por criar, com frequência, derivações sociais, no que se refere à desigualdade e à hierarquia. O suposto do grupo era, também, de que “os marcadores” diziam respeito a uma agenda da antropologia, que tradicionalmente lidava com conceitos como “relatividade” e “diferença”, não como características inerentes e inatas aos seres humanos, mas como relações sociais que produzem grande impacto no mundo das representações.

Desse modo, Schwarcz (2019), esclarece que o termo marcadores sociais da diferença tornou-se numa maneira de designar essas diferenças socialmente construídas derivando, muitas vezes, em desigualdade e hierarquia. O conceito dialogava com concepções da antropologia que lidava com definições como “relatividade” e “diferença”, por meio de interações sociais que geram grande impacto no mundo das representações.

Conforme descrito por Almeida et al. (2018), referente ao conceito de marcadores sociais da diferença:

A diferença é constituída por meio de taxonomias e classificações que acentuam certos sentidos de diferença, ao ponto de tomá-los como corriqueiros, “dados” ou “naturais”, enquanto outros são subestimados ou circunstancialmente esquecidos (ALMEIDA; SIMÕES; MOUTINHO; SCHWARCZ; 2018, p.19).

Zamboni (2014, p.13), define que: “marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais”. No quadro a seguir estão algumas categorias de classificação que está associada a uma determinada posição social, possuindo uma história e atribuindo certas características em comum aos indivíduos nela agrupados.

Quadro 3 – Categorias de classificação

Raça	Gênero	Sexualidade	Classe	Geração
Negros, brancos, morenos, mulatos, asiáticos, indígenas.	Homens, mulheres, travestis, transexuais.	Heterossexuais, homossexuais, gays, lésbicas, bissexuais.	Ricos, pobres, classe média, proletariado, profissionais liberais, moradores de rua.	Jovens, idosos, adultos, adolescentes, coroas, crianças.

Fonte: Adaptado de Zamboni (2014)

De acordo com Schwarcz (2019, p. 16):

Raça, gênero, sexo, geração, classe, região são, assim, categorias classificatórias compreendidas como construções particulares (e referidas a determinados contextos específicos), locais, internacionais, histórias e culturais. Elas fazem parte das representações sociais das nossas mitologias, mas também possuem grande impacto no mundo real, uma vez que permitem a produção de identidades coletivas e também de hierarquias, bem como toda sorte de discriminações sociais. Reguladas a partir de convenções e normas, elas acabam fazendo sentido também na interconexão que estabelecem entre si, mesmo que um termo não se reduza obrigatoriamente a outro. Seu sentido vem, muitas vezes, da justaposição destas categorias ambivalentes que continuam a nos desafiar na nossa modernidade.

Assim, Schwarcz (2019) quer dizer que essas categorias de classificação (raça, gênero, sexo, geração, dentre outras), fazem parte das construções particulares, fazendo uma referência a cenários locais, internacionais, histórias e culturas. Pertencendo as representações sociais das nossas mitologias, como também no mundo real, pois acaba proporcionando a construção de identidades coletivas e hierarquizadas, como também toda sorte de discriminações sociais.

Os marcadores sociais da diferença especificados anteriormente têm sido frequentemente estudados e se mostrado fundamentais para compreender a sociedade brasileira contemporânea. Para caracterizar essa perspectiva de análise, foram enumerados alguns aspectos. O primeiro aspecto é que, as diferenças existentes entre os seres humanos

não são naturais, mas construídas no âmbito social e necessitam serem contextualizadas em termos de tempo e espaço. O segundo aspecto é que os marcadores sociais da diferença não se apresentam de maneira isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política. Por último os sistemas de classificação estão perpassados por relações de poder (ZAMBONI, 2014).

Segundo Zamboni (2014), a dinâmica de classificação e de articulação entre diversas formas de classificação é, portanto, uma questão fundamental para produção e reprodução de desigualdades sociais. Desde o século XIX, as desigualdades de caráter econômico (diferenças de classe) ocupam um lugar central nos movimentos sociais que questionam a ordem social vigente. Essa centralidade se deve, em grande medida, à influência da tradição de pensamento marxista e à força dos movimentos socialista e comunista.

Assim, percebe-se que,

A perspectiva dos marcadores sociais da diferença oferece um instrumental útil para entender a complexidade desse momento, tanto em termos de seu potencial quanto de seus desafios. Ela aponta, por um lado, para a semelhança entre os diversos processos de produção de desigualdade e para as possibilidades de aliança entre os atores que lutam contra eles. Ela nos alerta, por outro, para as articulações perversas entre formas de desigualdade e sobre os conflitos entre sujeitos de discriminações distintas (como entre homens negros e mulheres, mulheres brancas e homens pobres, homens gays e travestis). Para além de questões para cientistas sociais e acadêmicos, esses são problemas do interesse de todos aqueles preocupados em transformar a realidade (ZAMBONI, 2014, p.18).

Almeida, Simões, Moutinho e Schwarcz (2018, p. 19) conceituam marcadores sociais da diferença como “uma maneira de designar como diferenças são socialmente instituídas e podem conter implicações em termos de hierarquia, assimetria, discriminação e desigualdade”.

Essas diferenças socialmente instituídas são delimitadas por desigualdades apresentadas no plano das representações sociais, podendo as categorias de classificação transpassar ou circular por variadas esferas de relações interseccionando-as. Conforme comenta Almeida et al. (2018, p. 19 e 20):

Diferenças instituídas socialmente não acarretam necessariamente desvantagens ou desníveis de prestígio, poder e riqueza; com frequência, porém são marcadas por desigualdades no plano das representações sociais, que dão respaldo a posições e relações de assimetria, exclusão e iniquidade (Fry, 2012). Além disso, categorias classificatórias podem atravessar ou circular por diferentes domínios de relações interseccionando-os. Categorias de gênero e sexualidade, com frequência, se inscrevem em matrizes classificatórias de cor e raça, constituindo uma linguagem poderosa para expressar hierarquias e desigualdades sociais mais amplas.

Hirano (2019, p. 37) define que “o termo marcador funciona como um auxiliar para o paradigma interseccional e a ideia de matriz de dominação, servindo para descrever vantagens ou desvantagens, seja do grupo oprimido, seja do grupo opressor”.

Em outras palavras, o autor evidencia que a definição de marcadores da diferença se relaciona com a conceituação de interseccionalidade, possibilitando um entendimento relacional referente às opressões ou privilégios vivenciados.

Exemplificando:

Uma mulher negra lésbica estadunidense pode ser oprimida em termos de gênero, sexualidade e raça, mas, em contraposição, pode expressar marcadores de cidadania que uma mulher negra lésbica de outro país não possui, de modo que esta enfrentará maiores problemas para conseguir um visto e o status de cidadania na maioria dos países. Nesse sentido, na análise de Hill Collins, a palavra marcador possibilita trazer outros elementos para a análise, observando que um grupo que sofre discriminação interseccional em determinados contextos pode ter uma pequena margem de vantagem em relação a outros grupos submetidos a opressões entrecruzadas. Ao mesmo tempo, percebe-se um outro uso do termo marcador em seu trabalho, relativo a dimensões ou significantes atrelados a raça, gênero, sexualidade e classe, como a cor da pele, o tipo de do cabelo, o vestuário, o corpo, o gestual, entre outros (HIRANO, 2019, p. 37).

No Brasil, os marcadores sociais da diferença, estão próximos à perspectiva construcionista, visando entender como tais classificações e outras são mobilizadas em cenários específicos de produção das diferenças (HIRANO, 2019). “É a atenção sobre a dinâmica e prática empírica nos modos de diferenciação, nomeação, hierarquização e produção de desigualdades que a análise dos marcadores sociais da diferença enfatiza” (HIRANO, 2019, p. 48).

Assim,

Os marcadores permitem pensar não apenas o entrecruzamento de eixos de diferenciação em diversos contextos. Quando utilizados como auxiliares da análise, eles têm revelado outras dimensões implícitas ou explícitas, associadas a esses eixos: cor da pele, formato do cabelo, do nariz, vestuário, gestualidade e sotaque, entre outras dimensões, são usados para diferenciar, desigualar e hierarquizar, a depender da situação. Nesse sentido, palavras como marcador ou marca convidam a um olhar mais detalhado e circunscrito, para pensar as dimensões da vida social que são generificadas, racializadas, sexualizadas, classificadas, enfim, nomeadas de modo a afetar a vida das pessoas de distintas maneiras; tornam-se, assim, marcadores sociais da diferença (HIRANO, 2019, p. 51).

Com isso, torna-se notório que a definição de "diferença" está relacionada a uma variedade de significados em diferentes discursos. E com isso, são apresentados os “tipos de diferenças” em variados contextos, como forma de articular discursos e práticas, e inscrever relações sociais, posições de sujeito e subjetividades. Desse modo, a diferença pode ser

conceituada de quatro maneiras: diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade e diferença como identidade (BRAH, 2006).

No quadro a seguir, será mostrada a conceituação de cada tipo de diferença destacada pela autora Avtar Brah.

Quadro 4 – Definição de diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade

Diferença como experiência	<p>A experiência é um processo de significação, uma prática de atribuir sentido, tanto simbólica como narrativamente. O significado que é atribuído a um determinado evento varia de uma pessoa para outra.</p> <p>A experiência é um lugar de contestação, um espaço discursivo, onde histórias coletivas são culturalmente construídas no processo de atribuir significado ao cotidiano das relações sociais.</p> <p>A experiência é o lugar da formação do sujeito.</p>
Diferença como relação social	<p>Aborda a forma como a diferença é constituída e organizada em relações sistemáticas por meio de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais.</p>
Diferença como subjetividade	<p>A subjetividade é relativa ao sujeito, e corresponde ao processo de dar sentido a nossas relações com o mundo.</p> <p>É constituída e regulada dentro do espaço social e cultural.</p> <p>São narrativas coletivas compartilhadas dentro de sentimentos de comunidade, seja ou não essa “comunidade” constituída em encontros face a face ou imaginada.</p>
Diferença como identidade	<p>A identidade é o processo de dar coerência, continuidade e estabilidade às diferentes subjetividades.</p> <p>É composta por discursos, matrizes de significados e memórias históricas.</p> <p>Identidade coletiva é o processo de significação pelo qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação – classe, gênero, raça, etc. – recebem significados particulares.</p>

Fonte: Adaptado de Brah (2006)

Por último, a definição de diferença reporta-se às diversas maneiras como os discursos específicos da diferença são formados, reproduzidos, resignificados e contestados, ou seja, não é constantemente um marcador de hierarquia e opressão. Logo, é um quesito contextualmente contingente compreender se a diferença se transforma em exploração,

desigualdade, opressão ou igualitarismo, diversidade e modos democráticos de agência política (BRAH, 2006).

2.2 INTERSECCIONALIDADE E LUGAR DE FALA

A interseccionalidade é definição de uma questão que procura capturar os efeitos estruturais e dinâmicos da relação entre dois ou mais eixos da subordinação (CRENSHAW, 2002).

Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A ideia de interseccionalidade tem como “objetivo de tornar a liberdade significativa para pessoas cujas experiências de vida estavam circunscritas pelo racismo, o sexismo, a exploração de classe, o nacionalismo, a religião e a homofobia” (COLLINS, 2017, p. 7). Deste modo,

[...] os sistemas separados de opressão, como eram tratados, fossem interconectados. Porque racismo, exploração de classe, patriarcalismo e homofobia, coletivamente, moldavam a experiência de mulher negra, a libertação das mulheres negras exigia uma resposta que abarcasse os múltiplos sistemas de opressão (COLLINS, 2017, p. 8).

Logo, a interseccionalidade é uma proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (HIRATA, 2014, p. 62).

Segundo Hirata (2014), a interseccionalidade pode ser entendida como uma das maneiras de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e em vista disso como um instrumento de luta política, sendo considerada também como um projeto de conhecimento e uma arma política.

A interseccionalidade pode ser entendida segundo Henning (2015),

Relativa às formas de entrelaçamento entre os marcadores sociais da diferença e suas potenciais decorrências em termos de desigualdades sociais, assim como relativa ao desenvolvimento de táticas de resistência, questionamento e desconstrução da desigualdade, sobretudo sob distintas formas de agência

interseccional. Reforça-se que a interseccionalidade, portanto, precisa ser concebida também a partir de práticas sociais decorrentes da interação conjuntural desses marcadores não apenas em seus efeitos de produção de desigualdades (HENNING, 2015, p. 117 e 118).

De outro modo, o que Henning (2015) quis enfatizar é que a interseccionalidade é relacionada aos cruzamentos por meio dos marcadores sociais da diferença, refletindo desigualdades sociais, como também a elaboração de técnicas de resistência, questionamento e desconstrução da desigualdade. E é desenvolvida por intermédio da interatividade conjuntural desses marcadores. Assim, a interseccionalidade pode ser entendida como uma maneira de investigação crítica e de práxis, por ser forjada por ideias de políticas emancipatórias (COLLINS, 2017).

Quando se utiliza o termo interseccionalidade é tentador atribuir que as afro-americanas o descobriram. Contudo, é notório que nos Estados Unidos as mulheres afro-americanas pertenciam a uma corrente mais abrangente de mulheres (mexicanas e outras latinas, mulheres asiáticas e indígenas), que estavam na vanguarda do movimento com o intuito de reivindicar a inter-relação de raça, classe, sexualidade e gênero em sua experiência cotidiana (COLLINS, 2017).

Várias dessas mulheres mencionaram as interconexões de raça, classe, gênero e sexualidade, além da produção dos documentos nos movimentos sociais, e ingressaram na academia como docentes, estudantes de pós-graduação ou professoras assistentes (COLLINS, 2017).

Desse modo, os estudos iniciais de raça, classe, gênero espelhava as relações dinâmicas entre os variados movimentos sociais, cada qual comprometido em tentar encontrar as relações com os outros (COLLINS, 2017).

A interseccionalidade como projeto de conhecimento se expandiu na academia, sendo nomeada, nos anos 1990 apresentando aceitação em muitos campos de estudo como a sociologia, a psicologia, a economia e a ciência política (COLLINS, 2017).

Sintetizando,

A trajetória da interseccionalidade aponta para os desafios de avançar políticas emancipatórias em um contexto político e epistêmico da academia neoliberal. O neoliberalismo valoriza a realização individual e a responsabilidade pessoal acima das ideias coletivas relativas ao bem público (COLLINS, 2017, p.15).

Diante do contexto de estudos sobre interseccionalidade surgiu o termo agência interseccional, que conforme Henning (2015, p. 117), são os “espaços de ação calçados em

marcadores sociais da diferença e que se dá em resposta aos cenários potenciais de desigualdades com as quais os sujeitos se confrontam”. Na verdade o que é evidenciado com esse termo é a importância de estar atento para as maneiras os quais os indivíduos potencialmente usam de suas próprias marcas identitárias interseccionais (como também na interação com os traços identitários interseccionais de outros sujeitos) de forma a enfrentar as opressões com a criação, o questionamento e desconstrução social de desigualdades (HENNING, 2015).

Além disso, a noção de interseccionalidade estimula um importante ambiente para análise de cenários específicos de elaboração de diferenciações e de desigualdades sociais. Da mesma forma ela pode possibilitar uma contrapartida em termos de um potencial para realizar uma análise e colocar em destaque os mecanismos agenciais com a finalidade de “desfazer”, “desmontar” e “desconstruir” prováveis desigualdades (HENNING, 2015).

A partir da definição de interseccionalidade é possível compreender os diferentes lugares de fala. Entende-se por lugar de fala o lugar social dos sujeitos, que “não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p. 69-70).

Trazendo como exemplo a população negra, é apropriado sublinhar que as experiências comuns resultantes do lugar social impedem que essa população acesse a certos espaços, e acaba provocando em não ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impede que as vozes das pessoas desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não irá se limitar ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Ou seja, a vivência da pessoa importa, contudo é necessário compreender as condições sociais que consistem no grupo do qual a pessoa participa e quais as experiências que fulana partilha ainda como grupo (RIBEIRO, 2017).

Nessa perspectiva, o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades como raça, gênero, classe, deveria ser imediato, para que se pudesse construir novos lugares de fala com o intuito de proporcionar voz e visibilidade que foram considerados implícitos dentro dessa normalização hegemônica (RIBEIRO, 2017).

Sendo assim,

Entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social, consigam enxergar hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta

diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p.86).

Em outros termos, o que Ribeiro (2017) quis mostrar é que todos sem exceção detêm lugares de fala. E que o importante é que as pessoas que pertencem a um grupo social privilegiado em termos de localização social, enxerguem a presença de hierarquias constituídas por meio desse lugar e quais as consequências diretas que esse lugar irá gerar na constituição dos lugares de grupos inferiorizados.

2.3 A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR INTERSECCIONALIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

De acordo com Holvino (2010) existe certa dificuldade em implantar discussões sobre intersecções de classe, gênero e raça na teoria e também no ambiente organizacional. A autora lança uma crítica à teoria feminista branca, partindo de experiências de “mulheres de cor”, termo utilizado pela autora para designar aspectos em comum entre os índios americanos, asiáticos latinos e mulheres negras/ afro-americanas que partilham um status e uma vivência como minorias raciais e étnicas nos Estados Unidos.

Com relação ao ambiente organizacional, a autora destaca predominância de pessoas não brancas em trabalhos de baixo nível, o que pode limitar suas oportunidades e status econômicos, não sendo fácil desprender o contexto racial da história da classe na vida de mulheres de cor. Contudo, a experiência de classe para mulheres de cor não é despreendida, e sim uma parcela integral, parte de sua vivência de gênero e raça e vice-versa (HOLVINO, 2010, tradução nossa).

A vista disso, um bom exemplo a ser destacado são as trabalhadoras domésticas, no cenário brasileiro. É fundamental evidenciar que no Brasil há várias razões para a forte presença do trabalho doméstico, se dando pelo enraizamento profundo na construção da sociedade; pela inexistência de equipamentos públicos (lavanderias públicas, restaurantes a preço acessível, creches, escolas integrais etc.); pela forte concentração de renda. No Brasil, apenas 26,3% das empregadas domésticas detêm carteira de trabalho assinada, ou seja, cerca de 5 milhões de empregadas domésticas estão desprovidas dos direitos a férias anuais, aposentadoria, direito ao salário mínimo etc. (COSTA, 2015).

Os marcadores sociais da diferença relativos à idade, gênero, classe, e raça tem sido mobilizados para demonstrar os obstáculos vividos no dia a dia das trabalhadoras domésticas na sociedade brasileira uma vez que: a maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres

negras; há forte existência do trabalho infantil, pois as crianças são levadas por seus pais para trabalhar em famílias patronais; há discriminação racial e de classe acometidas no ambiente de trabalho, realizado por outra mulher (a patroa, empregadora), e o assédio e à violência sexual manifestados no trabalho (COSTA, 2015).

É fundamental destacar que os movimentos feministas, e as teorizações feitas pelas intelectuais desses movimentos, trouxeram contribuições para o estudo das intersecções no ambiente organizacional, podendo destacar o feminismo socialista, pós estruturalista e pós colonial.

Com relação ao feminismo socialista podem-se evidenciar que este se concentra na classe como um aspecto relevante das desigualdades e das diferenças entre mulheres, e introduz narrativas concretas de mulheres de variadas raças, etnias e classes nas organizações de trabalho (HOLVINO, 2010, tradução nossa).

Já o feminismo pós estruturalista, apresenta três fundamentais aportes para o estudo das intersecções de raça, gênero, classe e sexualidade nas organizações: leva a um entendimento das subjetividades nas empresas (múltiplas, instáveis e não essenciais); permite análises de representações, ofertando uma definição detalhada e crítica das práticas organizacionais dominantes no tocante aos seus discursos classificados e de gênero e efeitos do conhecimento; e estabelece a postura reflexiva do pesquisador, que exige que os implicados no estudo das interseccionalidades realizem seu próprio lócus social na intersecção sobre a qual buscam formar conhecimento (HOLVINO, 2010).

Por fim, no meio contemporâneo, com as relações globais, cada vez mais é essencial o feminismo pós colonial para analisar os procedimentos de colonização e globalização e sua consequência diferencial perante os homens e as mulheres nos países que estão em desenvolvimento ou já são desenvolvidos (HOLVINO, 2010, tradução nossa).

2.4 GESTÃO ORDINÁRIA

Nesta pesquisa, compreendemos que gestão escapa dos parâmetros gerencialistas ao destacar o cotidiano do homem ou mulher comum, que administra negócios ordinários, não cabendo falar dos grandes negócios, globais, internacionais. O importante é trabalhar a rotina do pequeno negociante familiar, o homem ou mulher comum, evidenciando as relações sociais estabelecidas, o modo de coordenar suas atividades, as técnicas de sobrevivência, como também tentar compreender os usos e os significados desses espaços (negócio e família)

e a teia de relações ali construídas por aquelas pessoas que convivem no dia a dia. (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

A gestão ordinária pode ser compreendida como aquela que se realiza no cotidiano dos negócios ordinários, dos pequenos empreendimentos, apresentando práticas sociais e culturais composta por uma pluralidade de referências, códigos e interesses pessoais e relacionais. O cotidiano engloba contexto de interferência cultural e social, mas também, de forma simultânea, é construído na vida privada da mulher ou do homem ordinário. O cotidiano não é uma representação mecânica e constante de memórias, gestos ou folclores (CARRIERI et al. 2014).

Mas,

O cotidiano é um espaço de luta. O consumo de ideias, valores e produtos pelas pessoas não ocorre por práticas passivas e uniformes, em conformidade com as instituições dominantes. Aqui, o cotidiano é entendido como um ‘território’ socialmente construído, em que indivíduo e grupo se relacionam na construção das identidades, de modo a transformar o ‘espaço’ em ‘lugar simbólico’ (CARRIERI; PERDIGÃO; MARTINS; AGUIAR, 2018, p.3).

Assim, o cotidiano e a gestão ordinária são mensageiros de uma historicidade que deve ser observada com a finalidade investigativa de dar vozes às diversas pessoas que habitam os espaços de passagens (galerias comerciais, feiras, entre outros) (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

No que se refere à área de Estudos Organizacionais, a gestão ordinária colabora ao proporcionar a recuperação de outras experiências de gestão, oferecendo visibilidade às pessoas comuns e se interessando por suas práticas, histórias e discursos, resgatando o direito de eles serem enxergados como gestores e produtores de conhecimento. A gestão ordinária apresenta crítica referente à visão funcionalista das organizações, pois esta considera que os processos devem estar padronizados e acomodados segundo normas, muitas vezes afastados da realidade concreta dos executores. Essa visão não considera que pode haver incompatibilidade de padronização em relação com à diversidade de organizações existentes, as quais divergem entre si a cerca da estrutura, contexto, forma, história e pessoas (CARRIERI; PERDIGÃO; MARTINS; AGUIAR, 2018).

Assim, a gestão ordinária pode ser considerada como um fenômeno plural, que abrange membros das organizações chamados de sujeitos comuns. E estas pessoas criam e utilizam o dito conhecimento popular, através das maneiras de organização das tarefas em seus negócios comerciais de pequeno porte. Mas em comparação aos processos julgados

como adequados na percepção funcionalista, são criticados e rotulados como amadores, improvisados, sem profissionalismo e sem credibilidade (CARRIERI; PERDIGÃO; MARTINS; AGUIAR, 2018).

Pesquisas que utilizam o conceito de gestão ordinária priorizam o pequeno negócio (artesão, vendedor ambulante, lojista, feirante em espaços específicos da cidade). Esses locais de passagens entre ruas mostram as incertezas de espaços públicos (cheios, no aperto dos corpos e na multidão de indivíduos ou vazios, abandonados, esquecidos) (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014). Diante desse contexto, existe uma dificuldade por parte do pesquisador da área de gestão, ao explorar o cotidiano que reside na procura de pessoas comuns, pois de modo geral são eliminados da narrativa gerencial por não terem uma história grandiosa (CARRIERI; PERDIGÃO; MARTINS; AGUIAR, 2018).

No pequeno negócio há predominância:

[...] da espontaneidade, do imprevisto, do fazer com o que se tem em mão; do compartilhamento de conhecimento; do agir e do responder ao ambiente sem planejamento prévio; com tempo estendido de dedicação aos clientes e parceiros; a não adoção de protocolos e procedimentos pré-estabelecidos; a não análise de mercado [...]; a presença da afetividade; da razão substantiva; a valorização da intuição (CARRIERI; PERDIGÃO; MARTINS; AGUIAR, 2018, p. 10).

Conforme citado acima, todas essas práticas podem estar evidentes no cotidiano da grande parte dos servidores que são ignoradas pelas estruturas formais de ensino e de pesquisa sobre empresas, como se as pessoas presentes mostrassem comportamentos equivalentes ao de máquinas (CARRIERI et al., 2018).

Por fim, é adequado trazer como exemplo organizações de cultura popular na cidade de Caruaru – PE, evidenciando alguns elementos da gestão ordinária nas práticas de organização desses coletivos. No caso da organização do mamulengo, a construção e a manutenção de cada fragmento do boneco podem representar uma prática própria, pelo fato de ser perpassada por afetividades, regras, lógica em comum e fins, que mestre e seguidores detêm, de maneira incorporada. As práticas das culturas populares em Caruaru são delimitadas por forte ancestralidade, retratada no exemplo da capoeira, que estão vigorosamente vinculadas às religiões de matriz africana, orientando a apresentação da capoeira, estabelecendo quem toca os instrumentos, quem poderá tocar e qual o momento. São práticas que se baseiam em saberes-fazer populares, que apresentam forte relação com o dia a dia, como as loas, músicas e peças teatrais que narram a história da cidade de Caruaru,

ou bonecos de barros que retratam a dinâmica dos moradores da comunidade etc. (SANTOS; SILVA; DIAS; MORAIS, 2019).

2.5 FEIRA DE CARUARU E O SURGIMENTO DA CIDADE

É notório que nos quatros lugares do mundo é encontrado o comércio nas ruas, através das feiras regulares, como pontapé inicial para a constituição de uma municipalidade, interligação de uma região ou mesmo de ambos (SÁ, 2018). A partir disso, pode-se definir a feira como mercado informal, improvisado e popular, um ambiente que abarca várias atividades, relacionadas ao comércio, ao consumo e à produção, como também aos campos da política e cultura. E refletem o modo de viver dos povos de uma região, os costumes e hábitos, retratados nesse comércio improvisado (BURNETT, 2014a), deixando “marcas significativas no jeito de falar, pensar, agir e negociar das pessoas da região” (SÁ, 2018, p. 77).

Desta maneira, pode-se acentuar que a realização das feiras livres possibilitou a instituição da Feira da Sulanca, costume típico da região agrestina (BURNETT, 2014b). Pode-se dizer que a Feira da Sulanca é um fenômeno de comércio e produção de confecções populares, o qual surgiu em 1960, no Agreste Pernambucano, no Alto Capibaribe (BURNETT, 2014a), e faz parte da formação da identidade do povo (a maneira de falar, de expressar, as relações cotidianas) da região agreste (SÁ, 2011).

[...] a feira de Caruaru surgiu no encontro entre o sertão e a zona canavieira, pois era a parada de mascates, tropeiros e viajantes. Depois, a construção da capela ampliou a movimentação de pessoas nesse local, que teria aumentado e fortalecido através de encontros semanais o comércio na localidade. (SILVA, 2016, p. 92)

Quando se fala na feira de Caruaru é necessário destacar que a mesma favoreceu para o surgimento da cidade de Caruaru, devido a não existência da cidade no momento em que a feira começou. Era um povoado unido ao município de Bezerros e em seguida se desenvolve para a cidade, a construção de uma capela, que suscitou em encontros semanais onde o povo local aproveitava a oportunidade para trocar mercadorias, foi um dos aspectos que contribuíram para o desenvolvimento da localidade (SILVA, 2016).

Além da feira da Sulanca, o parque 18 de maio, localizado no centro de Caruaru, na Rua Rui Limeira Rosal, compreende outras feiras além da Sulanca, com temáticas distintas. Destacando: a feira de Artesanato; a do “Paraguai” ou dos Importados; a de Ervas; de Sapato; de Alumínio (SILVA, 2016).

A feira do Paraguai poderia ser denominada de “Feira da China”, devido a maioria das mercadorias produzidas virem diretamente da China. Sua localização é adjunta a feira da Sulanca e a movimentação maior de compra e venda acontece nos dias em que a feira funciona. Nesta feira se comercializam produtos importados vindos do Paraguai, como também de São Paulo (MEDEIROS, 2006).

Atualmente, Caruaru compreende o polo de confecções de Pernambuco juntamente com algumas cidades circunvizinhas, como a cidade de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, compondo o triângulo da produção regional do polo comercial, e assim alcançando estruturar a feira da Sulanca e seus municípios (SILVA, 2016). A criação discursiva do Polo de Confecções do agreste, deriva de estratégias de marketing dos sulanqueiros (qualquer pessoa que tenha um trabalho qualquer relacionado à fabricação e comércio de sulanca), assistidos pelo Sebrae e por outros modernizadores, com o intuito de livrar do descrédito que a palavra sulanca traz, indicando artefato de pouca qualidade, de feira (BURNETT, 2014a).

Por fim, é fundamental destacar o papel importante que as mulheres que trabalham na feira da Sulanca desempenham. As feirantes são cruciais para o desenvolvimento socio regional, para a instituição e a proteção da família. Com o trabalho feminino na região agreste, muitas mulheres são responsáveis pelo sustento, pela chefia da casa e também pela manutenção dos vínculos familiares, e são apoios de suas famílias; são mulheres divorciadas, casadas, separadas, jovens, mães solteiras, empreendedoras que realizam da feira da Sulanca seu ambiente de trabalho, sonho de superação do desemprego ou da pobreza. Contudo, apresenta precariedade das relações de trabalho, devido à informalidade e pela inexistência de rede de proteção social, expondo a mulher a diversos acontecimentos de vulnerabilidade que refletem violações de Direitos Humanos, mas diante dessas adversidades as feirantes alcançam com seu trabalho autonomia referentes a questões políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2016).

Percebe-se que os maiores obstáculos enfrentados pelas mulheres na feira da sulanca tem relação com o exercício do trabalho informal, pela questão da infraestrutura (precarização do ambiente de trabalho), a dupla jornada de trabalho que engloba as tarefas de produção, da educação dos filhos e cuidados domésticos. E é necessário as feirantes falarem, para assim quebrar a invisibilidade que a atividade não valorizada traz, mesmo sendo de grande relevância para a economia regional (ANDRADE; SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta parte do procedimento metodológico são detalhados os critérios de escolha dos entrevistados; as ferramentas escolhidas para coleta de informações.

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

De acordo com Godoi e Mattos (2006), a análise qualitativa é uma maneira de produzir e interpretar a informação de modo a acessar categorias analíticas mais amplas, e não um simples registro do que comentam os sujeitos. Desse modo, é uma abordagem de pesquisa que em vez de “determinar causa e efeito, prever, ou descrever a distribuição de certos atributos numa população, está interessada em descobrir os significados de um fenômeno para os envolvidos” (MERRIAM, 2009, p. 5), possuindo quatro principais características: “foco no processo, compreensão e significado; o pesquisador/a é primeiramente um instrumento de coleta de informação e análise; o processo é indutivo; e o produto é ricamente descritivo” (MERRIAM, 2009, p.14).

Foi aplicada uma entrevista semiestruturada para colher os dados essenciais da pesquisa, pois, uma metodologia qualitativa através de entrevista permite o alcance de uma riqueza de informações e possibilita ao investigador a oportunidade de esclarecer e dar continuidade as perguntas e respostas em uma interação direta e flexível (GODOI; MATTOS, 2006).

Na prática da entrevista se faz necessário que o pesquisador se envolva na vida dos sujeitos, posto que seus mecanismos de pesquisa se apoiam em ouvir, conversar, permitir a demonstração livre dos interlocutores. Esses processos acarretam num certo clima de informalidade, e o simples motivo de os sujeitos terem a possibilidade de falarem de forma livre em relação a um tema contribui para reduzir a distância entre pesquisador e pesquisados (GODOI; MATTOS, 2006).

A pesquisa foi realizada de maneira virtual, devido à presença da pandemia atual do Covid-19. A plataforma utilizada foi o *Google Meet*, através de vídeo chamada. Alguns não quiseram ligar a câmera, com isso foi respeitada a vontade e então se fez por áudio.

As perguntas da entrevista foram relacionadas aos objetivos específicos do trabalho, que se referem a como acontece a gestão ordinária na feira de Caruaru; às diferenças e às interseccionalidades (desigualdades e agência interseccional) que constituem a gestão

ordinária na feira de Caruaru, conforme pode ser observado no roteiro que consta no Apêndice A.

3.1.1 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS(AS)

Os sujeitos da pesquisa são feirantes da feira de Caruaru – PE que atuam nas feiras da Sulanca e do Paraguai. O acesso somente a essas duas feiras se deu pelo fato de que só foi possível entrevistar pessoas por meio do conhecimento prévio da pesquisadora, dado o contexto de pandemia. Definimos como critérios para seleção dos entrevistados os itens listados no quadro a seguir. Por meio destes critérios foi possível acessar pessoas que atuam diretamente na gestão de negócios na feira da Sulanca e do Paraguai e possuem certa experiência neste trabalho.

Quadro 5 – Critérios para seleção

SUJEITOS	CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO
50 FEIRANTES	<ul style="list-style-type: none"> • Estarem atuando na feira há mais de 1 ano; • Serem proprietário do empreendimento; • Que comercializem na feira da Sulanca e na feira do Paraguai, excluindo as demais feiras que atuam no Parque 18 de maio; <ul style="list-style-type: none"> • Que tenham a partir de 18 anos; • Que concordem em participar de forma voluntária da pesquisa; • Que tenham acesso à internet e dispositivo que tornasse possível a conversa pelo Google Meet.

Fonte: Construído pela autora

Foram entrevistadas 50 pessoas e essa quantidade foi definida pelo critério de exaustão de dados, ou seja, quando as informações começam a se repetir. Vale ressaltar que é uma amostra pequena em relação a quantidade de pessoas que trabalham na feira e a seleção delas foi baseado de acordo com a minha proximidade e isso não reflete toda a diversidade que possa existir na feira.

As entrevistas foram gravadas e transcritas pela autora, e no início da gravação, os entrevistados afirmaram concordar com a realização da entrevista, e com o uso dos dados para fins puramente acadêmicos.

3.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Conforme (Oliveira, 2008, p. 569) “a análise de conteúdo é um instrumento de pesquisa científica com múltiplas aplicações”. A sua aplicabilidade proporciona o acesso a variados conteúdos, explícitos ou implícitos, que estão expostos em um texto, ou seja, pode servir para diversas disciplinas e objetivos, visto que tudo o que pode ser convertido em um texto é suscetível de ser analisado com a aplicação desta técnica ou método (OLIVEIRA, 2008).

É necessário levantar alguns conceitos - chave que dão suporte à construção da análise de conteúdo e permitem instrumentalizá-la (OLIVEIRA, 2008), citados no quadro a seguir:

Quadro 6 – Conceitos – Chave para análise de conteúdo

Objetividade: a análise pode ser verificada e reproduzida por outro pesquisador.	Sistematicidade: impedir qualquer seleção arbitrária que retenha só os elementos em acordo com as teses do pesquisador.
Conteúdo Manifesto: retirar as ideias, os preconceitos do pesquisador, ou melhor, as extrapolações em direção aos conteúdos latentes devem se apoiar nos conteúdos efetivamente observados.	Unidades de Registro (UR): recorte ou segmentação, por meio do qual se faz o fracionamento do conjunto do texto para a análise. Exemplo: palavra; frase; parágrafo do texto; minuto de gravação; centímetro da notícia de jornal, dentre outros.
Unidades de Contexto (UC): segmentos de texto que possibilitam entender a significação das unidades de registro, recolocando-as no seu contexto, tratando-se sempre de uma unidade maior que a UR. Exemplo: frase para a palavra e parágrafo para o tema.	Construção de Categorias (CC): impor uma nova organização intencional às mensagens, distinta daquela do discurso original.
Análise Categorical (AC): leva em consideração a totalidade do texto na análise, passando-o por uma separação de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido.	Inferência: operação lógica através da qual admite-se uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras.
Condições de Produção (CP): o entendimento da superfície dos textos e dos aspectos que determinaram essas características, deduzidos de forma lógica por meio da correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados.	

Fonte: Adaptado de Oliveira (2008)

A metodologia de análise de conteúdo se dá em três etapas: pré análise; exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados - inferência e interpretação (OLIVEIRA,2008).

Quadro 7 – Etapas da análise de conteúdo

<p>Pré-análise: desenvolvimento das operações preparatórias para a análise propriamente dita. Irá compreender um processo de escolha de documentos ou definição do <i>corpus</i> de análise; formulação das hipóteses e dos objetivos da análise; elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final.</p>
<p>Exploração do material ou Codificação: processo por meio do qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais proporcionam uma descrição concreta das características pertinentes ao conteúdo expresso no texto.</p>
<p>Tratamento dos resultados - inferência e interpretação: colocar em evidência as informações fornecidas pela análise, por intermédio de quantificação simples ou mais complexas como análise fatorial, possibilitando apresentar os dados em diagramas, figuras, modelos etc.</p>

Fonte: Adaptado de Oliveira (2008)

Diante disso, na etapa de pré análise, foram selecionadas as categorias teóricas para a construção da análise e realizadas as transcrições das entrevistas, que constituíram o corpus da pesquisa. As categorias principais do trabalho são: gestão ordinária, diferenças (considerando experiências, relações sociais, subjetividades e identidade) e interseccionalidade (englobando desigualdades e resistências). Na exploração do material foram selecionadas as unidades de registro e unidades de contexto que se relacionavam com as categorias teóricas. Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, foi realizada a inferência e interpretação dos resultados previamente tratados.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 DIFERENÇAS E INTERSECCIONALIDADES PERCEBIDAS

Antes de mencionar a gestão ordinária praticada pelos(as) feirantes, faz-se importante discutir as diferenças e interseccionalidades que constituem os sujeitos investigados, de modo que seja possível compreender, mais a frente, por quais motivos estes mobilizam determinadas ações na gestão cotidiana.

A partir do quadro a seguir é possível observar informações sobre os entrevistados e para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, eles serão chamados de: Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3, e assim por diante.

Quadro 8 – Informações sobre os entrevistados

Entrevistado	Idade	Raça/etnia	Gênero	Orientação sexual	Escolaridade	Deficiência	Data da entrevista
01	29 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	23/09/2020
02	26 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	23/09/2020
03	25 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Pós – Graduação	Não	25/09/2020
04	24 anos	Pardo	Homem	Heterossexual	Ensino Superior Incompleto	Não	30/09/2020
05	23 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino Superior Incompleto	Não	30/09/2020
06	27 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino médio completo	Não	30/09/2020
07	47 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	02/10/2020
08	32 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	06/10/2020
09	29 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	07/10/2020
10	44 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	07/10/2020
11	34 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	10/10/2020
12	55 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental	Não	13/10/2020

					Incompleto		
13	48 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	13/10/2020
14	30 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	15/10/2020
15	35 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino médio completo	Não	15/10/2020
16	38 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental completo	Não	15/10/2020
17	28 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino médio completo	Não	16/10/2020
18	55 anos	Negro	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	16/10/2020
19	34 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	20/10/2020
20	47 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental completo	Não	21/10/2020
21	25 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	21/10/2020
22	56 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental completo	Não	24/10/2020
23	48 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental incompleto	Não	24/10/2020
24	41 anos	Negro	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental completo	Não	27/10/2020
25	29 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	27/10/2020
26	40 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental completo	Não	27/10/2020
27	44 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	30/10/2020
28	29 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	30/10/2020
29	48 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental completo	Não	03/11/2020
30	37 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	04/11/2020
31	50 anos	Negro	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	04/11/2020
32	55 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	04/11/2020

33	56 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	11/11/2020
34	46 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	11/11/2020
35	41 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	11/11/2020
36	53 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	14/11/2020
37	43 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino médio completo	Não	19/11/2020
38	38 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino médio completo	Não	27/11/2020
39	34 anos	Moreno	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	27/11/2020
40	33 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	08/12/2020
41	26 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	15/12/2020
42	31 anos	Negro	Mulher	Heterossexual	Ensino médio completo	Não	12/01/2021
43	46 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	12/01/2021
44	53 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	28/01/2021
45	41 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	05/02/2021
46	45 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	05/02/2021
47	51 anos	Branco	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	17/02/2021
48	36 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Ensino superior completo	Não	26/02/2021
49	31 anos	Branco	Mulher	Heterossexual	Pós – Graduação	Não	26/02/2021
50	56 anos	Moreno	Homem	Heterossexual	Ensino fundamental Incompleto	Não	05/03/2021

Fonte: Construído pela autora

A maioria dos feirantes está entre a faixa etária dos 40 aos 56 anos, ocupam cargos informais e estão em um cargo de liderança na feira pelo fato de gerirem seu próprio negócio. De um modo geral, percebeu-se as seguintes faixas etárias dos 23 a 30 anos [26%], 31 a 40

anos [26%] e 40 a 56 [48%]. Percebemos que este resultado pode estar relacionado à tradição dos cargos de liderança serem preenchidos por pessoas mais experientes do que por pessoas mais jovens (VAIPE, 2019). Também é notório que o marcador social da idade é um fator que interfere no trabalho na feira, podendo acarretar desgaste físico, como é possível perceber na fala do entrevistado 44:

Sim, a saúde de uma pessoa mais velha já não é a mesma que quando mais jovem, vai ficando mais cansada e o trabalho já não é o mesmo e a forma como a feira é não ajuda (Entrevistado 44, Feira da Sulanca, 53 anos).

Acredita-se que o entrevistado se refere às condições ligadas à infraestrutura da feira, e ao trabalho do transporte, abastecimento e desabastecimento das lojas e bancos da feira, como já apontado em pesquisa anterior, realizada por (ANDRADE; SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

É possível destacar que 28 dos entrevistados se autodeclararam brancos, tendo apenas 4 pessoas autodeclaradas negras. Apesar da literatura apontar a existência de maioria de pessoas negras no mercado de trabalho informal (RIBEIRO, 2017), como é o caso da feira, a presente pesquisa mostra o contrário. Entretanto, cerca de 17 pessoas se declararam morenas e 1 parda, mostrando uma participação expressiva de pessoas não brancas dentre os entrevistados, como pode ser percebido na fala abaixo:

Sim, muitas pessoas que estão na feira não tiveram muitas oportunidades de trabalho e viram a feira como sua única oportunidade e grande parte desses grupos são negras (Entrevistado 14, Feira da Sulanca, 30 anos).

Desse modo, pode-se afirmar que uma quantidade expressiva de pessoas não brancas atua como feirantes em Caruaru-PE, exercendo atividades informais, apesar de não necessariamente se autodeclararem negras, e de não constituírem maioria. Essa não percepção de si mesmos como pessoas negras pode estar associada a um projeto histórico de embranquecimento da população, também conhecido como projeto eugenista (CONCEIÇÃO, E. B., 2009).

Exatas 29 pessoas se autodeclararam mulheres, isso mostra que as mulheres exercem com seu trabalho um papel importante na feira de Caruaru, conforme aponta Silva (2016) quando destaca que as comerciantes são essenciais para a instituição, o desenvolvimento socio regional e a proteção da família. Em contraponto, existem desigualdades ligadas ao machismo que ainda é notório no âmbito informal e muitas mulheres sofrem com isso. Conforme Silva (2016) a feira é um local que se mostra precário nas relações de trabalho, pelo motivo da

informalidade e pela ausência de uma rede de proteção social, submetendo a mulher a vários episódios de vulnerabilidade que reproduzem violações de Direitos Humanos. Isso fica evidente nas falas dos feirantes:

Por conta de desigualdades e os direitos negados para as mulheres (Entrevistada 21, Feira do Paraguai, 25 anos).

Desigualdades no mercado de trabalho e também por conta do machismo (Entrevistada 25, Feira do Paraguai, 29 anos).

Estou há muito tempo na feira e eu posso falar com segurança que o que menos eu gosto é a questão da falta de segurança e também um local melhor para trabalhar (Entrevistado 36, Feira do Paraguai, 53 anos).

É importante evidenciar que existe uma pluralidade de mulheres na feira: 8 mulheres se autodeclararam morenas, 3 negras e 18 brancas. A partir disso, é possível perceber que o grupo formado por mulheres, assim como todos os outros grupos sociais, não pode ser considerados homogêneos, possuindo experiências e subjetividades diferentes. Desse modo, ressalta-se a importância de interseccionar gênero e raça, considerando o que dizem as autoras como Ribeiro (2017), Hirano, (2019), Collins (2017), Holvino (2010), Costa (2015) e Crenshaw (2002).

Ainda no que se refere ao marcador de gênero, o fato de ninguém ter se autodeclarado transgênero pode indicar uma exclusão de pessoas transgênero do trabalho na feira, como já aponta a literatura ao mencionar o mercado de trabalho como um todo (VAIPE, 2019; ZAMBONI, 2014; SCHWARCZ, 2014; ALMEIDA et al., 2018).

No que se refere ao marcador de sexualidade, é interessante ressaltar que 100% das pessoas se autodeclararam heterossexuais, evidenciando que mesmo para uma amostra relativamente pequena dos trabalhadores que atuam na feira, aponta para uma possível exclusão e/ou falta de acesso do grupo social homossexual. Para entender melhor porque isso acontece, podemos mobilizar Zamboni (2014) quando este afirma que nas sociedades sempre existiram várias diferenças e que com o passar do tempo os seres humanos podem sofrer diversas formas de processos de discriminação e desigualdade, como é o caso das pessoas homossexuais.

Quando perguntados sobre o nível de escolaridade, 25 dos entrevistados afirmaram possuírem o ensino fundamental (completo e incompleto), enquanto 6 pessoas declararam possuir o ensino médio completo, 17 com formação superior (completa e incompleta) e 2 com pós graduação.

A partir desses resultados, pode-se inferir que a maioria das pessoas que atuam na feira não possuem formação superior, o que pode indicar que a feira é uma alternativa para as pessoas que não tem acesso a ensino superior, como apontam outros estudos sobre a feira como (ANDRADE; SANTOS; OLIVEIRA, 2018) ; (SÁ, 2018).

De modo mais geral, o relatório da Vaípe (2019) aponta que as mesmas oportunidades ainda não estão à disposição para todas as pessoas, indicando a existência de desigualdade no que se refere ao acesso à educação por pessoas localizadas em contextos periféricos e que, tradicionalmente, desenvolvem atividades informais (muitas delas mulheres e pessoas não brancas, como aponta esta pesquisa).

Importante destacar também que dentre as pessoas que afirmaram possuírem ensino superior completo ou incompleto, bem como pós graduação, nenhuma delas se autodeclarou negra, sendo a maioria branca (19 pessoas), o que reforça indicação da literatura sobre relações raciais, que aponta a persistência de dificuldade de acesso à educação superior por pessoas negras (RIBEIRO,2017). Aqui, percebe-se a interseccionalidade existente entre diferenças de raça e de formação.

Além disso, a maioria dos feirantes demonstraram a importância que o estudo traz para o ambiente da feira possibilitando a melhoria de seus empreendimentos, mesmo entendendo que muitos comerciantes sabem gerenciar bem por causa da experiência que possuem. É o que pode ser evidenciado na fala do entrevistado 2:

Sim, muitos feirantes sabem como gerenciar seu negócio pela prática do trabalho, mas os conhecimentos adquiridos na faculdade dão um grande suporte para poder melhorar o negócio (Entrevistado 2, Feira do Paraguai, 26 anos).

Outro fator que chama a atenção nesta pesquisa é que nenhum entrevistado(a) possui deficiência. Desse modo, compreende-se que as pessoas que atuam na feira e que não dispõem de deficiência conseguem desenvolver o seu trabalho, enquanto as pessoas com deficiências ficam de fora. Os relatos dos entrevistados levam a crer que o que contribui para isso são as más condições de trabalho na feira, ou seja, é um meio que não é adequado para pessoas com deficiência. Como afirma Carrieri et al. (2014, p. 701) “Esses espaços de passagens entre ruas, esses lugares de movimentos, revelam as ambiguidades de espaços públicos: ora cheios, no aperto dos corpos e na multidão que faz compra, olha, passeia; ora usados por tribos, grupos específicos; ora vazios, *abandonados, esquecidos*”.

Este esquecimento e abandono aparece nas falas dos entrevistados, no que se refere às condições da feira para a inclusão de pessoas com deficiência. Boa parte dos entrevistados se

mostram insatisfeitos com essa desigualdade, deixando evidente que a prefeitura deveria organizar melhor o espaço da feira, como declarado nas seguintes falas:

A prefeitura deixa de lado as pessoas com deficiência onde na feira era para ter estruturas para acolher essas pessoas (Entrevistado 45, Feira do Paraguai, 41 anos).

Descaso da prefeitura porque poderia organizar a feira e deixar acessível a todas as pessoas (Entrevistado 50, Feira da Sulanca, 56 anos).

Interessante destacar que os entrevistados atribuem ao poder público a construção de espaços mais inclusivos na feira, para que pessoas com deficiência possam circular e atuar ali, porém, não são mencionados outros órgãos importantes como a Associação dos Sulanqueiros, por exemplo.

A partir dessa apresentação dos entrevistados, é possível perceber a existência de marcadores sociais da diferença que constituem os feirantes que atuam na feira de Caruaru. Estes marcadores, conforme apresenta a literatura indicada no referencial teórico deste trabalho, são constituídos por experiências, subjetividades, relações sociais e identidades (BRAH, 2006).

No que se refere às experiências vivenciadas que pudessem indicar subjetividades e possíveis desigualdades vividas no cotidiano, é interessante destacar as seguintes falas referentes ao marcador de gênero:

Passei por uma experiência positiva, por ser uma mulher empreendedora, ser inteligente, desenrolada e educada (Entrevistada 3, Feira do Paraguai, 25 anos).

Recebi elogio de eu ser uma mulher que gerenciar meu negócio muito bem e sou inteligente (Entrevistada 7, Feira do Paraguai, 47 anos).

Nestes relatos, pode-se observar a existência de elogios pelo fato de ser mulher empreendedora/gestora e “inteligente”. O fato de nenhum homem ter relatado este tipo de elogio aponta para o fato de mulheres com este perfil atuando na feira serem consideradas, possivelmente, “diferentes” do esperado ou do que historicamente se vê neste campo de trabalho. Historicamente, as mulheres, apesar de exercerem papel fundamental na constituição do Agreste das Confecções, estiveram mais ligadas a atividades de costura e produção, e não necessariamente à frente dos próprios negócios, o que pode fazer com que as mulheres empreendedoras e gestoras sejam vistas de modo positivo.

Além disso, essa nova posição das mulheres aponta para uma possível resistência delas num contexto de exclusão que elas vivenciam em relação as posições gerenciais e de

liderança no Agreste das Confecções. Desse modo, mobiliza-se aqui o conceito de Interseccionalidade emancipadora (COSTA, 2015) para evidenciar como, apesar das desigualdades e opressões vividas, as resistências sempre são possíveis, mesmo que aos poucos.

Outra experiência apontada pelos entrevistados indica a “novidade” atrelada ao trabalho exercido por mulheres jovens na feira, pois, como pontuado anteriormente, a maioria das pessoas entrevistadas possuem mais de 40 anos de idade. Sobre essas experiências, ressaltam-se as seguintes falas:

Positiva, elogio em relação ao trabalho, por ser jovem e trabalhar muito bem
(Entrevistado 4, Feira da Sulanca, 24 anos).

Recebi elogio em relação à idade, as pessoas me elogiando porque eu tão novo e tenho um empreendimento (Entrevistado 6, Feira da Sulanca, 27 anos).

No que refere às experiências que evidenciam opressões vivenciadas no cotidiano, apenas dois entrevistados se posicionaram a respeito. Um deles relatou a necessidade de ajudar uma pessoa idosa que circulava na feira, apontando para uma possível dificuldade enfrentada por pessoas que se encontram em faixa etária mais elevada. Outro narrou uma situação vivenciada na feira na qual viu um homem agredindo fisicamente uma mulher. Neste caso, fica evidente a questão da violência de gênero.

O posicionamento de apenas duas pessoas à respeito das opressões vivenciadas pode indicar: (1) desconforto em falar abertamente sobre o assunto; (2) dificuldade em perceber as opressões vividas no cotidiano, tendo em vista que elas podem ser muito sutis; (3) o fato de as intersecções que constituem os sujeitos entrevistados os colocarem em lugar de privilégio na sua atuação na feira, como o fato de muitos serem brancos, não deficientes e heterossexuais, fazendo com que eles(as) não vivenciem situações de opressão cotidianas tão evidentes.

A partir do que foi apresentado até aqui, pode-se fazer a seguinte afirmação: as subjetividades ligadas ao trabalho desempenhado na feira associam-se, no imaginário das pessoas que ali atuam, diretamente à figura do homem empreendedor/gerente, mais velho, não deficiente, heterossexual, branco, com ensino fundamental. As mulheres empreendedoras ou gestoras e jovens são vistas com certa “novidade”, e pessoas negras são minoria dentre as pessoas acessadas. Ademais, pessoas transgênero, homossexuais, com deficiência, ou com outros marcadores “destoantes” da figura típica sequer foram acessados, indicando invisibilidade desses sujeitos dentre aqueles que atuam na feira de Caruaru.

4.2 GESTÃO ORDINÁRIA

A maioria dos entrevistados dessa pesquisa declararam que as suas atividades realizadas na feira são com vendas de roupas e acessórios tanto femininos quanto masculinos. O que pode ser destacado também é o fato das roupas serem comercializadas na feira da Sulanca, enquanto os acessórios na feira do Paraguai e todos os feirantes participarem de todas as etapas, realizando compras de mercadorias, pagamentos, organização e a própria venda. Este fato aponta para uma gestão sem divisão nítida de tarefas, na qual a mesma pessoa que vende o produto na feira é a que gerencia o negócio.

Os produtos se destinam a todos os públicos (crianças, adultos, feminino, masculino), com modelos mais variados possíveis, como roupas jeans (shorts, calças, saias), de praia (maiôs, biquínis, sungas), pijamas, roupas íntimas, moda fitness, camisetas, chapéus, bonés, cintos, carteiras, relógios, maquiagens, pulseiras e vendem no atacado e no varejo.

A maioria dos feirantes entrevistados possui como forma de organização das questões financeiras do seu empreendimento, a utilização de cadernos e livro caixa que vendem em livrarias e criam planilhas no computador e imprimem em papel A4. Sá (2018) já apontava três principais tendências no que se refere ao cálculo financeiro: cálculos feitos de modo empírico, com base em experiências prévias, busca por outras fontes de conhecimento ou consultoria, e cálculo realizado por departamento específico. Nesta pesquisa, prevaleceu a primeira tendência apontada pelo autor, pois mesmo algumas pessoas organizando essas questões por meio de planilhas de Excel e com ajuda de um contador, o que se sobressaiu nas entrevistas foi a organização feita de maneira mais simples, conforme pode ser comprovado a seguir com algumas falas:

É bem simples e de muita utilidade para mim, é tudo feito em um papel que eu imprimir e a cada semana eu vou anotando e deixo em uma pasta para ficar mais organizado (ENTREVISTADO 10, Feira da Sulanca, 44 anos).

Eu gosto de organizar todas as questões financeiras em um caderno mesmo que para mim é mais fácil e prático (ENTREVISTADO 17, Feira do Paraguai, 28 anos).

Eu sou mais deixar tudo guardado em uma caderneta, meu filho já tentou me ajudar para colocar tudo em um computador, não quis porque para me é mais fácil dessa forma (ENTREVISTADO 47, Feira do Paraguai, 51 anos).

Nessas falas, observa-se uma gestão ordinária que não se utiliza de tecnologias de ponta para realização de controle financeiro. Na fala do Entrevistado 47, fica evidente a questão geracional que perpassa esse modo de gerir, pois o filho, mais jovem, tenta ajudar o

pai a utilizar o computador, mas sem sucesso, uma vez que o pai, mais velho, acredita ser mais fácil utilizar a caderneta.

Ainda sobre essa questão, dentre as pessoas de 23 a 30, os recursos utilizados são planilha de excel [12%], caderneta [8%], papel [4%] livro caixa [2%] e contador [2%]. Dentre as pessoas de 31 a 40 anos, os recursos utilizados são planilha de excel [4%], caderneta [14%], papel [0%] livro caixa [0%] e contador [6%]. Dentre as pessoas de 41 a 56, os recursos utilizados são planilha de excel [2%], caderneta [26%], papel [4%] livro caixa [4%] e contador [12%]. O que se pode perceber, portanto, é que de um lado se tem as pessoas mais jovens que utilizam mais o excel pois acham mais prático e por estarem utilizando com maior frequência o computador, de outro lado se tem as pessoas mais velhas que preferem a caderneta por ser um modo mais prático e simples para eles, apenas pegar uma caneta e anotar.

Outro dado importante é que cada vez mais os comerciantes estão preocupados com a divulgação de seus produtos, utilizando muito as redes sociais: Instagram e o WhatsApp para isso. O Instagram para boa parte dos feirantes, é uma forma da marca ficar mais conhecida e o WhatsApp, pois é onde acontece realmente as vendas (no perfil da empresa no Instagram tem o link do WhatsApp onde o cliente é direcionado para falar com o dono ou com o funcionário e fazer o seu pedido). Isso fica evidente na fala abaixo:

Tenho o Instagram que é onde eu acredito que é o meu principal meio de divulgação, lá são mais para ganhar mais visibilidade da minha marca, e tenho também o WhatsApp lá eu divulgo também, mais o principal são as vendas (ENTREVISTADO 50, Feira da Sulanca, 56 anos).

A fala do entrevistado 18 demonstra ainda mais essa preocupação com a questão de divulgação, contratando até Digital Influencer:

Uso instagram e o WhatsApp para a divulgação de minhas peças. No instagram a divulgação é bem forte eu conto com a ajuda de algumas influenciadoras digitais para divulgar a página e no WhatsApp é mais também a questão de vendas (ENTREVISTADO 18, Feira da Sulanca, 55 anos).

Dentre as pessoas que mencionaram utilizar o Instagram e o WhatsApp, a maioria são pessoas com idade mais avançada, na faixa etária dos 41 a 56 anos [45%], são mulheres [65%], com formação de ensino fundamental completo e incompleto [47%] e mesmo com baixa escolaridade utilizam os mesmos recursos das pessoas que tem um nível de formação

mais avançado, evidenciando que são ferramentas acessíveis a todas as idades e formações escolares.

Ao serem questionados sobre como organizam o seu tempo, os feirantes mencionaram que se organizam em torno de tarefas principais como compras, vendas, pagamentos aos fornecedores, organização das mercadorias em estoque, divulgação, separação de pedidos dos clientes.

Muitos dos entrevistados mencionaram que organizam o seu estoque semanalmente, já que a feira ocorre nessa frequência, para que não ocorram perdas ou até mesmo a mercadoria se torne obsoleta. Apenas uma das entrevistadas relatou que realiza o controle do estoque através de um programa instalado em seu computador. Essa entrevistada possui o ensino superior completo e tem 33 anos de idade, o que indica que a diferença relativa à formação escolar pode estar associada a uma maior facilidade para utilização de programas de gestão.

Como eu levo um notebook para a feira para realizar os pagamentos e através disso eu tenho controle do estoque e faço pedidos (ENTREVISTADA 40, Feira da Sulanca, 33 anos).

Ademais, também percebemos que essa lógica de organização das mercadorias atende, de modo semanal, atendendo à demanda da feira, evidencia um aspecto importante da gestão ordinária, que se refere à sua relação com o contexto vivido, que define como as atividades acontecem (CARRIERI et al., 2014).

É a partir da terça-feira que os feirantes começam a se organizar para a próxima feira, já que ela acontece uma vez na semana. As compras das mercadorias são feitas online, eles realizam o pedido através do WhatsApp e uma transportadora de sua confiança entrega nas suas casas ou as pessoas viajam e fazem/retiram o pedido presencialmente. A questão dos pagamentos aos fornecedores é por meio de transferências, depósitos bancários ou em espécie. Ao passo que estão com seus produtos em mãos os comerciantes executam a parte da divulgação (fotografar, filmar), depois disso postam no Instagram e no grupo no WhatsApp para seus clientes fazerem o pedido. Os funcionários ou a(o) dona(o) do empreendimento efetua a separação e no dia da feira fazem entregas em excursões ou os clientes pegam a mercadoria no banco. Por último, a venda que acontece no dia da feira ou online (conforme foi citado).

Sobre o planejamento das atividades, os feirantes afirmaram que não o fazem. Apenas cinco pessoas relataram que era possível fazer uma projeção do que é vendido mais em cada período do ano. Esse não planejamento indica a realização de uma gestão não sistematizada,

mas que permite ao feirante agir e responder ao ambiente, conforme o conceito de gestão ordinária explica.

Ao serem questionados sobre a existência de funcionários que os ajudam e sobre como aprenderam a trabalhar na feira, foi possível evidenciar práticas culturais ligadas à importância dada aos laços familiares e a informalidade, como aponta Sá (2018, p. 34), que afirma que “a significativa maioria dos negócios de produção e comercialização de confecções que emergiram na região, ao longo das últimas décadas, tem origem doméstica”.

No tocante à existência de funcionários, 33 entrevistados disseram que não possuem e que as pessoas que lhes ajudam são membros da própria família (filhos, marido e esposa), evidenciando a importância dos laços familiares para esses negócios. Isso ilustra o conceito de gestão ordinária, que se constrói no contexto de interferência cultural e social (a feira, com toda a sua história e particularidades), mas também, de forma simultânea, a vida privada da mulher ou do homem ordinário, como pode ser observado nas falas a seguir:

Trabalha minha esposa, e meus dois filhos. E como somos família é bem tranquilo e qualquer coisa tudo se resolve conversando (Entrevistado 22, Feira da Sulanca, 56 anos).

As pessoas que trabalham na feira geralmente são da mesma família, os pais começaram e os filhos continuam e ajudam. Também se percebe a informalidade que foi instituída há muito tempo e aceita pelos governos (Entrevistado 2, Feira do Paraguai, 26 anos).

Todos os feirantes entrevistados disseram que aprenderam a trabalhar na feira com os pais ou avós e alguns destacaram que desde crianças iam ajudar na feira porque era a única forma de sobrevivência, como pode ser a própria gestão do negócio também se apresentou, por meio das entrevistas, como algo aprendido com familiares, como pode ser visto na seguinte fala:

Eu aprendi com meus pais, observando como eles faziam e organizei meu negócio assim (Entrevistado 3, Feira do Paraguai, 25 anos).

Aprendi a trabalhar com meus pais, eu e meus irmãos quando pequenos trabalhamos na roça com ajuda de meu pai e depois de colher íamos para a feira vender, como era a única fonte de renda (Entrevistado 47, Feira do Paraguai, 51 anos).

Importante destacar que a importância desses laços familiares está associada à forte informalidade existente na região, ligada a uma necessidade de sobrevivência para garantir a “única fonte de renda” da família, como colocado pelo Entrevistado 47. Esta necessidade está atrelada ao marcador de classe, uma vez que a maioria dessas famílias se encontram em

situação de restrição financeira. Como pontuado por Sá (2018, p. 34), a “exploração de mão de obra doméstica e subempregada” é um dos traços marcantes da história do Agreste das Confecções.

Desse modo, problematizamos a fala do Entrevistado 22, quando ele coloca que essas relações são “bem tranquilas”, afinal, num contexto escassez e de informalidade, alguns direitos sociais podem não ser atendidos.

Ademais, a existência de opressões e desigualdades ligadas aos marcadores sociais da diferença podem tornar a experiência de determinados grupos mais delicada. Como está exposto na fala do entrevistado, que destaca o marcador racial como um elemento ligado à pobreza e às dificuldades enfrentadas:

A minha família era muito pobre ai desde pequena eu e meus irmãos tínhamos que trabalhar na feira porque não tínhamos outras oportunidades e o fato da cor da pele também influenciou (Entrevistado 18, Feira da Sulanca, 55 anos).

Importante destacar também que este contexto social marcado por informalidade, é protagonizado por mulheres periféricas, com formação educacional baixa, e com quantidade considerável de pessoas não brancas, como apresentado anteriormente, nos levando a constatar que alguns grupos sociais, marcados por diferenças específicas, constituem este contexto.

Outro dado interessante a ser observado é sobre os conhecimentos/saberes que os entrevistados acham necessários para ter e gerenciar um negócio na feira. 49 pessoas declararam que é preciso ter uma educação financeira, destacando como elementos centrais para a boa gestão o que se gastou num determinado período, o valor que o produto deve ser vendido e o lucro do negócio.

Outros aspectos levantados foram conhecer o público-alvo, ter uma boa comunicação com os clientes, agilidade para vender e fazer cursos no SEBRAE para ajudar. Dentre esses pontos o que chamou atenção foi o fato de apenas uma pessoa evidenciar a importância de transmitir os conhecimentos de pais para filhos, já que na feira existe muito trabalho familiar.

Como na feira de Caruaru tem muito trabalho familiar, e no meu caso também. Eu acho muito importante a transmissão de geração de saberes e conhecimentos (ENTREVISTADO 29, Feira do Paraguai, 48 anos).

Em relação ao que os feirantes mais gostam da feira, o que mais se fez presente nas respostas foi conhecer novas pessoas; ver a alegria do povo; o fato de ser um passatempo; a

possibilidade de criar vínculos de amizade e ter um contato olho no olho com as pessoas. O fator da liberdade que o trabalho traz, de ser dono do próprio negócio e de poder se arriscar também foram mencionados. Diante disso, confirma-se que a feira é um espaço de socialização (CARRIERI et al.,2018) e um espaço de passagem, (CARRIERI et al., 2014), no qual sempre se conhecem novas pessoas. Os pequenos negócios investigados, podem ser entendidos como constituídos por afetos, com uma gestão na qual não se cumprem regras, com forte existência de improvisações (CARRIEI et al., 2018), onde se pode ter liberdade e arriscar, conforme afirmado pelos entrevistados, como pode ser visto na fala abaixo:

Gosto muito dos vínculos pessoais que a feira me proporciona e também do negócio ser próprio e ter a liberdade de fazer o que quiser (Entrevistado 41, Feira da Sulanca, 26 anos).

Quando questionados sobre o que menos gostam em relação ao trabalho na feira, os entrevistados responderam sobre a desorganização da feira e a falta de segurança, comprovando na fala do entrevistado 36 que esses problemas estão instaurados há muito tempo.

Estou há muito tempo na feira e eu posso falar com segurança que o que menos eu gosto é a questão da falta de segurança e também um local melhor para trabalhar (ENTREVISTADO 36, Feira do Paraguai, 53 anos).

Essa ausência de segurança é sentida de modo diferente por grupos diferentes, como no caso das mulheres, conforme aponta pesquisa de Andrade, Santos e Oliveira (2018) e relato sobre violência de gênero mencionado anteriormente, ou no caso das pessoas com deficiência, conforme relatos expostos anteriormente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dessa pesquisa compreendeu conceitos dos autores centrais acerca dos temas usados na pesquisa, que são: Marcadores Sociais da Diferença, Interseccionalidade e Gestão Ordinária. Em seguida foram realizadas 50 entrevistas virtuais com feirantes da cidade de Caruaru-PE, permitindo entender as diferenças que os constituem e a gestão ordinária por eles praticada. Com base no confronto das entrevistas com a literatura, foram realizadas interpretações que nos ajudam a compreender a gestão ordinária da feira de Caruaru-PE, à luz dos conceitos de diferenças e interseccionalidades.

De modo geral, ao considerar os marcadores sociais da diferença, evidenciamos a existência de maioria de feirantes mulheres, dentre elas, brancas, negras e morenas; maioria de pessoas na faixa etária de 40 a 56 anos; maioria de pessoas brancas, apesar de número expressivo de pessoas não brancas, que se autodeclaram morenas e pardas; maioria de pessoas com ensino fundamental completo e incompleto; todos(as) periféricos, cisgênero, heterossexuais e sem deficiência. Ao lançarmos um olhar interseccional para os dados, percebemos que a maioria das pessoas que declararam ter ensino superior completo ou incompleto são pessoas brancas, e que mulheres jovens, tidas como “inteligentes” e líderes em seus negócios tendem a ser vistas como diferentes da norma.

Como principais experiências de desigualdades, percebemos a invisibilidade de pessoas deficientes, transgênero e homossexuais na feira, a existência de violência de gênero, o pouco acesso das pessoas negras ao ensino superior, a pouca quantidade de pessoas negras atuantes na feira e possíveis dificuldades vivenciadas por pessoas idosas para se locomoverem neste espaço. Tais experiências indicam relações sociais desiguais referentes a marcadores de gênero, sexualidade, deficiência, raça e geração. Como interseccionalidade emancipadora/resistências, percebemos o papel desempenhado por mulheres líderes de seus negócios, considerando o papel histórico limitado ao cuidado e à produção das confecções, que tem sido relegado a elas. Acredita-se que essas resistências apontam para a existência de ressignificações, construindo novas subjetividades relativas ao gênero e à geração no campo da feira de Caruaru.

No que se refere à gestão ordinária, alguns dos principais traços encontrados foram a não divisão de tarefas; o uso majoritário da caderneta para realização de controle das finanças; uso de instagram e whatsapp para realização de divulgação e venda dos produtos comercializados, tendo em vista que são de fácil acesso; organização do tempo em torno de atividades consideradas centrais com compra, venda, pagamento aos fornecedores,

organização de mercadorias em estoque, divulgação e separação dos pedidos dos clientes; organização do estoque feita semanalmente, seguindo a periodicidade da feira; a não realização de planejamento sistemático; existência de informalidade; trabalho majoritariamente familiar; transmissão de saberes relativos ao trabalho com a feira passados por gerações; valorização de saberes relativos à educação financeira, conhecimento do público-alvo, oratória e agilidade nas vendas; a possibilidade de conhecer pessoas novas, que a feira como um espaço de socialização e de passagem proporciona. Ao realizarmos análise interseccional sobre esta gestão ordinária, percebemos ênfase na diferença geracional no que se refere às formas de controle financeiro utilizadas; ênfase no marcador formação escolar no que se refere às formas de organização de estoque realizadas; ênfase no marcador de classe e de raça para compreensão do contexto que leva os(as) feirantes a envolverem a família no trabalho, de modo informal.

5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A pandemia do Covid 19 dificultou o caminhar das entrevistas, já que foi realizada online e as pessoas não estavam sempre disponíveis, devido questões externas como, por exemplo, quando a internet caía e também algumas sentiram dificuldade de utilizar a plataforma do *Google Meet*.

5.2 INDICAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

É perceptível que a Interseccionalidade e Diferenças são temas da nossa realidade social devido às desigualdades e opressões vivenciadas no dia a dia, necessitando serem colocados em pauta. Como indicações para pesquisas futuras é importante ampliar ainda mais o campo de estudo para além das organizações e dar mais vozes aos grupos minoritários e aproveitando que as pessoas estão cada vez mais conectadas nas mídias sociais, abordando temas como: marketing digital e o empreendedorismo, por exemplo.

REFERÊNCIAS

- ACKER, Joan. Inequality Regimes: Gender, Class, and Race in Organizations. **Gender & Society**, v.20, n.4, p.441-464, 2006.
- ALMEIDA, Heloísa; SIMÕES, Julio; MOUTINHO, Laura; SCHWARCZ, Lilia. Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva. In: SAGGESE, Gustavo et al. (Org.). **Marcadores Sociais da Diferença: Gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. São Paulo: Terceiro Nome; Gamma, p. 9-30, 2018.
- ALVES, M. A.; GALEÃO-SILVA, L. G. A crítica da gestão da diversidade nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 3, p. 20-29, 2004.
- ANDRADE, M. M.; SANTOS, E. C.; OLIVEIRA, M. F. S. **Trabalho Feminino na Feira da Sulanca de Caruaru-Pernambuco**. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO), Curitiba-PR, 2018.
- BRAH, A. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. Longon/New York, Routledge, n. 26, p. 329-376, 1996. Publicado por Cadernos Pagu, 2006.
- BURNETT, A. O “ponto de mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco. In **História Oral**, v.17, n.2, p.153-171, jul/dez. 2014a.
- _____. As raízes rurais da Feira da Sulanca no Agreste pernambucano. In **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v.21, n. 4, out./dez. 2014b.
- CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista Adm**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 698-713, dez. 2014.
- CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D.; MARTINS, P.; AGUIAR, A.R.C. A Gestão Ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 12, p. e141359, 26 nov. 2018.
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Revista Parágrafo**, v.5, n.1, p.6-17, 2017.
- CONCEIÇÃO, E. B. **A negação da raça nos estudos organizacionais**. In: XXXIII Encontro ANPAD. São Paulo, Anais, 2009.
- COSTA, B. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 30, n. 1, p. 147-163, abr. 2015.
- CRENSHAW, K. Documento para Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n.1, p. 171-188, 2002.

GODOI, Christiane K. ; MATTOS, Pedro L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, Christiane K. et al. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, p. 301-320, 2006.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais de diferença. **Mediações**, v. 20, n.2, p. 97-128, 2015.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias In: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Imprensa Universitária, p. 27-54, 2019.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, Revista de sociologia da USP**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 1 jun. 2014.

HOLVINO, E. Intersections: the simultaneity of race, gender and class in organization studies. **Gender, Work and Organization**, v. 17, n. 3, p. 248-277, 2010.

MEDEIROS, Bartolomeu Figueirôa de. **Dossiê Feira de Caruaru**. Brasília, DF: Iphan, 2006.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research: a guide to design and interpretation**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

OLIVEIRA, D.C. Análise de Conteúdo Temático – Categorical: Uma proposta de sistematização. **Revista. enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, p. 16 (4): 569-76, out/dez 2008.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais, Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

SÁ, Marcio. **Feirantes: quem são e como administram seus negócios**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 269 p., 2011.

_____. **Filhos das feiras: uma composição do campo de negócios agreste**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 368 p., 2018.

SANTOS, Elisabeth; SILVA, Ítalo; DIAS, Pâmela; MORAIS, Wilson. Reflexões Acerca dos Saberes e Práticas Organizativas das Culturas Populares em Caruaru-PE. In: **Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD**. Fortaleza, 2019.

SARAIVA, L. A.; IRIGARAY, H. A. R. Políticas de Diversidade nas Organizações: Uma questão de discurso? **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 337-348, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *Prefácio* In: HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: Imprensa Universitária, p. 8-19, 2019.

SILVA, Juliana. **“PRA ONDE TU VAI, MARIA? VOU PRA FEIRA DA SULANCA!”**: um estudo sobre o trabalho feminino na Feira da Sulanca de Caruaru-PE. (Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

VAIPE. **Guia sobre Diversidade: aprenda como construir uma empresa inclusiva**. 2020. Disponível em: <https://vaipe.com.br/blog/guia-sobre-diversidade/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**. São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014 [+].

APÊNCIDE A – ENTREVISTA

Objetivos específicos	Conceitos e autores	Perguntas referentes a cada conceito
<p>Identificar como acontece a gestão ordinária na feira de caruaru por meio das narrativas dos feirantes</p>	<p>A gestão ordinária pode ser compreendida como aquela que se realiza no cotidiano dos negócios ordinários, dos pequenos empreendimentos (artesão, vendedor ambulante, lojista, feirante em espaços específicos da cidade), apresentando práticas sociais e culturais composta por uma pluralidade de referências, códigos e interesses pessoais e relacionais. (CARRIERI et al. 2014).</p> <p>O cotidiano e a gestão ordinária são mensageiros de uma historicidade que deve ser observada com a finalidade investigativa de dar vozes às diversas pessoas que habitam os espaços de passagens (galerias comerciais, feiras, entre outros) (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).</p> <p>A gestão ordinária pode ser considerada como um fenômeno plural, que abrange membros das organizações chamados de sujeitos comuns. E estas pessoas criam e utilizam o dito conhecimento popular, através das maneiras de organização das tarefas em seus negócios comerciais de pequeno porte (CARRIERI; PERDIGÃO; MARTINS; AGUIAR, 2018).</p>	<p>Quais atividades você realiza no seu trabalho na feira? ”Ou“ Você poderia descrever o seu trabalho na feira?”</p> <p>[Como você se organiza ou organiza seu negócio/empreendimento?]</p> <p>Como você organiza as questões financeiras do seu empreendimento?</p> <p>Como você organiza a divulgação do seu produto?</p> <p>Como você organiza o tempo?</p> <p>Como você organiza seu estoque?</p> <p>Há planejamento?</p> <p>Há algum tipo de controle da atividades?</p> <p>Você tem funcionários/as? Como lida com eles/as?</p> <p>Quais as práticas culturais (tradição, crenças e costumes) que você identifica na feira de Caruaru- PE?</p> <p>Como você aprendeu a trabalhar na feira?</p> <p>Como você aprendeu a organizar seu trabalho/negócio/empreendimento?</p> <p>Quais conhecimentos/saberes você acha necessários para ter e gerenciar um negócio na feira?</p> <p>O que você mais gosta em relação ao seu trabalho a feira?</p> <p>O que você menos gosta em relação ao seu trabalho na feira?</p>
<p>Identificar as diferenças que</p>	<p>Diferença como experiência: A experiência é um processo de significação, uma prática de atribuir</p>	<p>Qual a sua idade?</p>

<p>constituem a gestão ordinária na feira de caruaru , a partir das narrativas dos feirantes</p>	<p>sentido, tanto simbólica como narrativamente. O significado que é atribuído a um determinado evento varia de uma pessoa para outra.</p> <p>A experiência é um lugar de contestação, um espaço discursivo, onde histórias coletivas são culturalmente construídas no processo de atribuir significado ao cotidiano das relações sociais.</p> <p>A experiência é o lugar da formação do sujeito (BRAH, 2006).</p> <p>Diferença como relação social: Aborda a forma como a diferença é constituída e organizada em relações sistemáticas por meio de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais (BRAH, 2006).</p> <p>Diferença como subjetividade: A subjetividade é relativa ao sujeito, e corresponde ao processo de dar sentido a nossas relações com o mundo. É constituída e regulada dentro do espaço social e cultural.</p> <p>São narrativas coletivas compartilhadas dentro de sentimentos de comunidade, seja ou não essa “comunidade” constituída em encontros face a face ou imaginada (BRAH, 2006).</p> <p>Diferença como identidade: A identidade é o processo de dar coerência, continuidade e estabilidade às diferentes subjetividades. É composta por discursos, matrizes de significados e memórias históricas.</p> <p>Identidade coletiva é o processo de significação pelo qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação – classe, gênero, raça, etc. – recebem significados particulares (BRAH, 2006).</p>	<p>Você percebe que a idade interfere no trabalho na feira? Como?</p> <p>Por que isso acontece?</p> <p>Qual a sua raça/etnia? (Negros, brancos, morenos, mulatos, asiáticos, indígenas).</p> <p>Você percebe que a raça interfere no trabalho na feira? Como?</p> <p>Por que isso acontece?</p> <p>Qual o seu gênero? (Masculino, Feminino, travesti, transsexual;).</p> <p>Você percebe que o gênero interfere no trabalho na feira? Como?</p> <p>Por que isso acontece?</p> <p>Qual a sua orientação sexual? (heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, queer).</p> <p>Você percebe que a orientação sexual interfere no trabalho na feira? Como?</p> <p>Por que isso acontece?</p> <p>Qual a sua escolaridade? (Até o Ensino Fundamental Completo ou Incompleto; Ensino Médio Completo ou Incompleto; Ensino Superior Completo ou Incompleto; Pós-Graduado Completo ou Incompleto)</p> <p>Você percebe que a escolaridade interfere no trabalho na feira? Como?</p> <p>Por que isso acontece?</p> <p>Você possui alguma deficiência?</p> <p>Você percebe que possuir ou não deficiência interfere no trabalho com a feira? Como?</p> <p>Por que isso acontece?</p>
<p>Identificar as interseccionalidades (desigualdades e agência</p>	<p>A interseccionalidade é relativa às formas de entrelaçamento entre os marcadores sociais da diferença e suas potenciais decorrências em termos de desigualdades sociais, assim como</p>	<p>Na sua opinião, qual o gênero, raça/etnia, faixa etária, orientação sexual da maioria dos/as feirantes?</p>

<p>interseccional) que constituem a gestão ordinária na feira de caruaru, a partir das narrativas dos feirantes.</p>	<p>relativa ao desenvolvimento de táticas de resistência, questionamento e desconstrução da desigualdade, sobretudo sob distintas formas de agência interseccional (HENNING, 2015, p. 117 e 118).</p> <p>“Marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais” (ZAMBONI, 2014, p.13).</p> <p>Categorias de classificação: raça, gênero, sexualidade, classe e geração (ZAMBONI, 2014).</p> <p>A agência interseccional, que conforme Henning (2015, p. 117), são os “espaços de ação calçados em marcadores sociais da diferença e que se dá em resposta aos cenários potenciais de desigualdades com as quais os sujeitos se confrontam”. Na verdade o que é evidenciado com esse termo é a importância de estar atento para as maneiras os quais os indivíduos potencialmente usam de suas próprias marcas identitárias interseccionais (como também na interação com os traços identitários interseccionais de outros sujeitos) de forma a enfrentar as opressões com a criação, o questionamento e desconstrução social de desigualdades (HENNING, 2015).</p> <p>Com relação ao ambiente organizacional, a autora destaca predominância de pessoas não brancas em trabalhos de baixo nível, o que pode limitar suas oportunidades e status econômicos, não sendo fácil desprender o contexto racial da história da classe na vida de mulheres de cor (HOLVINO, 2010, tradução nossa).</p>	<p>Você já passou por alguma experiência positiva ou negativa em função de sua idade, gênero, raça, orientação sexual etc., trabalhando na feira?</p> <p>Você já presenciou alguém passando por alguma experiência positiva ou negativa em função de sua idade, gênero, raça, orientação sexual etc., na feira?</p> <p>Caso já tenha passado por alguma experiência negativa, o que você acha que poderia ser feito para combatê-la?</p>
--	--	--